

1

A Ribeira da Cascalheira

As principais linhas de água que contribuem para a bacia hidrográfica da Lagoa de Santo André nascem na Serra de Grândola e são, de norte para sul, as Ribeiras da Cascalheira, da Ponte, do Forneco, do Azinhal e da Badoca. A confluência destas ribeiras faz-se através de dois vales. Um a norte, onde conflui a Ribeira da Cascalheira, e outro a sul, que no Inverno se encontra inundado e constitui o prolongamento da Lagoa, para onde confluem as restantes ribeiras.

Nas várzeas desta Ribeira existe uma extensa rede de valas, criadas para drenar o solo aluvionar e permitir a sua utilização na cultura do arroz. Com o declínio desta cultura, estas várzeas são actualmente utilizadas para a pastorícia.

Estas várzeas ficam inundadas durante o Inverno até à abertura da Lagoa ao mar, favorecendo assim o desenvolvimento de pastagens permanentes.

Galeria ripícola

A galeria ripícola da Ribeira da Cascalheira é uma das estruturas mais importantes na paisagem.

Como a Ribeira possui características de enxurrada, a vegetação retém os sedimentos da erosão hídrica, sendo assim muito mais do que uma mera componente florística.

A galeria ripícola permite ainda um *habitat* único, fomenta a biodiversidade e a produtividade biológica, contribui com matéria alimentar para os sistemas aquáticos, e retém nutrientes de lixiviação, para além da sua importância a nível paisagístico.

A manutenção da vegetação da margem da Ribeira, constituída por choupos, freixos, salgueiros e tamargueiras, torna-se assim muito importante para a manutenção do ecossistema.

Ocupação humana

Os vestígios da ocupação humana ao longo do vale da Ribeira são extensos e de grande valor patrimonial. Na Cascalheira, Cerradinha, Palhota, Pedra Branca, Salema e Marco Branco, existem vestígios datados do Neolítico e da Idade do Bronze, conforme se pode observar na placa informativa existente no local (Paragem n.º 1).

Gostaríamos que fosse o nosso parceiro na preservação das Áreas Protegidas.

O Código de Conduta a seguir indicado é simples e do senso comum. Por favor siga os seguintes princípios:

- Respeite os modos de vida e tradições locais.
- Respeite os habitantes locais.
- Respeite a propriedade privada, e feche cancelas caso surjam ao longo do percurso.
- Respeite a sinalização da área protegida.
- Evite fazer barulho e atitudes que perturbem a paz local.
- Mantenha-se a alguma distância dos animais – e não os alimente.
- Observe-os preferencialmente com binóculos.
- Não colha plantas ou amostras geológicas. Deixe que outros visitantes também possam contemplar a sua riqueza.
- Tire apenas fotografias. Estas funcionam como memória dos bons momentos passados e registam a beleza da paisagem.
- Não faça lume.
- Cada visitante é responsável pelo lixo e detritos produzidos. Deposite-os nos locais adequados.
- Siga sempre pelos trilhos sinalizados.
- Contacte as autoridades locais sempre que detecte alguma irregularidade.
- Cuidado com o gado, embora manso não gosta de aproximação de estranhos às suas crias.

Contamos consigo para nos ajudar a preservar a Natureza!

Contactos úteis

RNLSAS – Reserva Natural das Lagoas de Santo André e da Sancha

Telf.: Sede 269 708 063 ■ Monte do Paio 269 749 001.

GNR – Bairro Azul – V. N. Santo André. Telf.: 269 085 573

Bombeiros – Quartel – Lote 1, ZIL2 – V. N. Santo André. Telf.: 269 708 740

Centro de Saúde – Bairro das Panteras. Telf.: 269 708 450

Farmácias: Farmácia Fontes, telf.: 269 708 140 ■ Farmácia Mendes, telf.: 269 759 020

Táxi: 269 751 222



Reserva Natural das Lagoas de Santo André e da Sancha
Departamento de Gestão das Áreas Classificadas
• Zonas Húmidas
Pavilhão A, Galiza, Tel.: 269 708 063 Apartado 98
7500-999 V. N. Santo André



Percurso da Casa do Peixe

Departamento de Gestão das Áreas Classificadas • Zonas Húmidas

Reserva Natural das Lagoas de Santo André e da Sancha



Ao longo deste percurso vamos conhecer...

- A importância da Ribeira da Cascalheira ao longo do tempo,
- O que é, e qual a importância de uma galeria ripícola,
- Algumas aves presentes na Lagoa,
- A importância da abertura da Lagoa ao mar,
- As características principais da vegetação das margens e várzeas da Lagoa ... e finalmente... **o que são zonas húmidas.**

Tudo isto está presente ao longo de **4 mesas interpretativas** que marcam **pontos de paragem e de observação** do ecossistema que nos rodeia ao longo deste percurso.

1 • Ribeira da Cascalheira, 2 • Cerradinha, 3 • A Vegetação nas Margens e Várzeas, 4 • Casa do Peixe.

○ **Percurso da Casa do Peixe tem uma extensão (ida) de 2 km.**

○ **grau de dificuldade é médio** e a duração aproximada é de **90 minutos.**

○ **percurso poderá estar inacessível de Dezembro a Abril, devido ao alagamento das várzeas da Lagoa de Santo André.**

3 **A Vegetação nas Margens e Várzeas da Lagoa**

4 **Casa do Peixe**

Monte do Paio

1 **Ribeira da Cascalheira**

2 **Cerradinha**

Cerradinha

Deste local avista-se a poente o oceano Atlântico. A Lagoa de Santo André encontra-se separada do oceano por um extenso cordão arenoso contínuo que constitui uma barreira ao longo de 4 km, a qual pode, ocasionalmente, romper de forma natural durante temporais violentos. A necessidade de renovação anual da massa de água lagunar leva a que a abertura da barreira seja feita artificialmente uma vez por ano, assegurando deste modo o escoamento da água salobra que inunda os campos de cultivo e permitindo a renovação do corpo aquoso lagunar.

A abertura artificial da Lagoa ao mar é feita após o Inverno, mas anteriormente à época de sementeira (fins de Março ou Abril).

Esta abertura promove a descida da cota do espelho de água e origina a renovação e homogeneização completa da massa de água.

A abertura ao mar tem também como objectivo o repovoamento da fauna piscícola, permitindo assim a conservação da biodiversidade da Lagoa.

Avifauna Aquática

O Galeirão (*Fulica atra*) é a espécie mais abundante ao longo de todo o ano. O Galeirão e outras aves herbívoras, nomeadamente patos (*Netta rufina*, *Aythya spp.*) utilizam a elevada biomassa e produtividade de macrófitos existentes na Lagoa. As espécies de aves que podem ser observadas a alimentar-se ou a repousar na Lagoa incluem o Pato-real (*Anas platyrhynchos*), o Pato-de-bico-vermelho (*Netta rufina*), o Zarro-comum (*Aythya ferina*), o Flamingo (*Phoenicopterus ruber*), a Garça-cinzenta (*Ardea cinerea*), a Cegonha (*Ciconia ciconia*) e o Tartaranhão-ruivo-dos-paius (*Circus aeruginosus*).



Casa do Peixe

As Lagoas de Santo André e da Sancha foram classificadas como Zona Húmida de Importância Internacional em 1996 pela Convenção de Ramsar, convenção internacional relativa à conservação e uso racional de zonas húmidas.

As zonas húmidas suportam cadeias alimentares complexas, associadas a uma elevada diversidade biológica de fauna e flora, funcionando ainda como locais privilegiados de abrigo e reprodução de várias espécies, constituindo assim habitats determinantes, em muitos casos, para a conservação de espécies ameaçadas.

Actividade Piscatória Tradicional

A pesca é a principal actividade económica que se desenvolve dentro dos limites da Reserva, incidindo na faixa marítima e na Lagoa de Santo André, onde está delimitada uma Zona de Pesca Profissional. A pesca na Lagoa tem forte tradição histórica, com registos que datam de pelo menos de meados do séc. XVIII, com a vinda de pescadores de Aveiro, Murtosa e Ílhavo, que pescavam a sardinha no mar durante o Verão e outras espécies nas águas calmas da Lagoa nos meses de Inverno.

Actualmente a pesca envolve entre 30 a 50 pescadores profissionais que utilizam pequenos botes a remos. As principais artes de pesca são as Nassas e os Galríchos, tendo como objectivo a captura da Enguia (*Anguilla anguilla*), apesar de também poderem capturar outras espécies. São também usadas redes de emalhar simples para a captura de peixe branco, nomeadamente Robalos (*Dicentrarchus labrax*), Douradas (*Sparus aurata*), Linguados (*Solea vulgaris* e *S. senegalensis*) e Tainhas (*Liza ramada*, *L. aurata* e *Chelon labrosus*). A Casa do Peixe era o local onde tradicionalmente se comprava e vendia o peixe pescado na Lagoa de Santo André.

A vegetação nas margens e várzeas da Lagoa de Santo André

A vegetação das zonas húmidas é formada por espécies tolerantes ao prolongado período de inundação, salinidade e dessecação estival. A salinidade relaciona-se com a abertura da Lagoa ao mar e é sobretudo determinada pelo cloreto de sódio e por outros sais característicos das águas oceânicas. Aumenta grosseiramente de sudeste para noroeste.

A salinidade é um factor ambiental importante, que conjugado com os diversos solos proporcionam o surgimento de gradientes. Estes gradientes explicam em parte a distribuição da vegetação.

O uso do solo para produção agrícola e agro-pecuária foi e é ainda actualmente um grande factor diferenciador da vegetação. Diques minimizam a subida das águas sobre as várzeas, assegurando também o seu rápido enxugo após abertura da Lagoa. Após o abandono da rizicultura, tem vindo gradualmente a ocorrer a renaturalização, assistindo-se à ocupação dos terrenos por espécies ecologicamente pouco exigentes que aproveitam as oportunidades criadas pelo maneio. No entanto nalguns locais, assiste-se também à colonização por espécies mais sensíveis e especializadas, para as quais a agricultura impediu durante décadas o surgimento de condições adequadas.

Entre as principais espécies destacam-se pela maior frequência e abundância: *Eleocharis palustris*, *Juncus subnodulosus*, *Juncus inflexus*, *Juncus effusus*, *Juncus maritimus*, *Scirpoides holoshoenus*, *Carex riparia*, *Carex divulsa*, *Carex divisa*, *Paspalum paspalodes*, *Galium palustre*, etc. *Juncus rugosus*, *Erica erigena*, *Scirpus cernus*, *Ulex minor*, *Cicendia filiformis*, *Lotus uliginosus*, *Molinia caerulea*, *Fuirena pubescens* etc. são exemplos de plantas bastante sensíveis que ocorrem apenas nalguns locais defendidos do maneio.